**EVANGELII GAUDIUM – A ALEGRIA DO EVANGELHO** (sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual)

**INTRODUÇÃO**

Iniciando a Exortação, o Papa Francisco afirma que “a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus… quero dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de convidá-los para uma nova etapa evangelizadora marcada por essa alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos”.

1. **A alegria que se renova e comunica.**

Todos nós, embora crentes, corremos o risco de nos deixarmos levar pelo consumismo do mundo atual que deixa como consequência a tristeza, o individualismo. Nas palavras do Papa,muitos transformam-se em pessoas ressentidas, tristes, sem vida; não se houve mais a voz de Deus. Esta não é a vida do Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado.

Por isso, o Papa convida a todos os cristãos a renovar hoje seu encontro pessoal com Cristo ou ao menos se deixar encontrar por ele. “Deus nunca se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de sua misericórdia”.

 A seguir, a exortação traz várias passagens do Antigo Testamento onde se prenuncia a alegria da salvação, bem como do Novo Testamento em que resplandece gloriosa a cruz de Cristo e convida insistentemente a alegria.

Em toda a introdução à Exortação o Papa retoma e insiste na alegria de viver, mas lembra há cristãos que parecem ter escolhido viver uma quaresma sem Páscoa.Compreende-se que há situações de dificuldades e tristezas mas aos poucos é preciso permitir que a alegria da fé comece a despertar a confiança mesmo diante das piores angústias. A misericórdia do Senhor não acaba não se esgota sua compaixão.

 Essa tentação de deixar-se levar pela tristeza e pessimismo, lembra o Papa tem a ver com o que a sociedade da técnica nos traz: ela multiplica as ocasiões de prazer, mas encontra grandes dificuldades no engendrar também a alegria.

 Mas o Papa retoma o fundamento da alegria do cristão trazendo o pensamento do Papa Emérito , Bento XVI: “Ao início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande idéia, mas o encontro com um acontecimento,com uma pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo.” E aqui está a fonte da ação evangelizadora, diz o Papa Francisco, porque se alguém escolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como pode conter o desejo de comunicá-lo aos outros!

1. **A doce e reconfortante alegria de evangelizar.**

O bem tende a se comunicar. Por isso, quem deseja viver com dignidade e em plenitude, não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem. “O amor de Cristo nos absorve completamente” 2Cor5,14; “Ai de mim, se eu não evangelizar!” 1Cor 9,16 Na doação , a vida se fortalece; e se enfraquece no comodismo e no isolamento. De fato, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais. ”Doc Ap.360. E isso deve ser feito com alegria, pois a Boa Nova é uma eterna novidade. Toda ação evangelizadora autêntica é sempre nova. Porque é obra de Deus. Jesus é o primeiro o maior evangelizador. Mas devemos conservar e fazer memória. Jesus deixa-nos a Eucaristia como memória cotidiana da Igreja, que nos introduz cada vez mais na Páscoa. Lc22,19.

1. **A nova evangelização para a transmissão da fé.** Este foi o tema do Sínodo dos Bispos em 2012 : A nova evangelização para a transmissão da fé. A nova evangelização interpela a todos e se realiza em três âmbitos: primeiramente, na pastoral ordinária, a fim de incendiar os corações dos fiéis que freqüentam regularmente a comunidade; em segundo lugar, no âmbito das pessoas batizadas que, porém, não vivem as exigências do Batismo;Por fim, àqueles que não conhecem a Jesus Cristo ou que sempre o recusaram. A atividade missionária, ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja. O Papa aceitou o convite dos Padres sinodais para redigir a Exortação e recolheu as preocupações que neste momento movem a obra evangelizadora da Igreja. Propôs algumas diretrizes com base no documento do Vaticano II, Lumen Gentium. A Exortação é apresentada em cinco capítulos: 1- A transformação missionária da Igreja; 2- Na crise do compromisso comunitário;

**CAPÍTULO I - A TRANSFORMAÇÃO MISSIONÁRIA DA IGREJA.**

 Este capítulo trata da reforma da Igreja em saída missionária.

1. **Uma Igreja “em saída”.**

Cada cristão e cada com unidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de **alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho.**

1. **Pastoral em conversão**

 Os documentos hoje não suscitam o mesmo interesse que noutros tempos, mas o Papa espera que se avance no caminho da conversão pastoral e missionária que não pode deixar as coisas como estão. Apoiado no Concílio lembra que nele se apresentou a conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma para manter a fidelidade a Jesus Cristo. A Igreja é peregrina chamada por Cristo a esta reforma perene. Sem vida nova e espírito evangélico autêntico, toda e qualquer nova estrutura se corrompe em pouco tempo. O Papa diz sonhar com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos., os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal de proporcionando mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. Que a pastoral em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, os agente em atitude constante de “saída” A paróquia como instituição evangelizadora deve ser capaz de se reformar para viver no meio do povo, não separada das pessoas nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos. Nesta Exortação, convoca também as demais instituições eclesiais as comunidades de base e as pequenas comunidades, movimentos e outras formas de associação. O Papa exorta igualmente as Dioceses a entrar decididamente num processo de discernimento, purificação e reforma, pois são a Igreja encarnada num espaço concreto. Aos bispos exorta para que, às vezes, caminhem à frente para indicar a estrada, outras vezes mantenham-se simplesmente no meio de todos e em certas circunstâncias deverá caminhar atrás para ajudar os que se atrasaram e sobretudo porque o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas. Estimular o diálogo para ouvir a todos e não apenas alguns sempre prontos a lisonjeá-lo. Com toda simplicidade o Papa declara que também ele e as estruturas centrais da Igreja Universal precisam ouvir o apela da conversão pastoral: estar aberto às sugestões. Mas afirma, contudo que pouco se tem avançado neste sentido, por exemplo, no sentimento da colegialidade. Confessa que uma centralização excessiva complica a vida da Igreja e sua dinâmica missionária. Precisa-se deixar o cômodo critério pastoral “fez-se sempre assim”. Convida a todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades. **3. A partir do coração do Evangelho** Quanto à comunicação da mensagem do evangelho o Papa insiste que não é para supor que os interlocutores conheçam o horizonte completo daquilo que dizemos ou relacionar o que dizemos com o núcleo essencial do Evangelho. O anúncio não pode ser de uma imensidade de doutrinas que se tenta impor à força de insistir. Deve se concentrar no essencial que aponta para o coração do Evangelho. Neste núcleo fundamental, o que sobressai é a **beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado.** Existe uma ordem ou hierarquia das verdades da doutrina católica. Isto é valido tanto para os dogmas da fé como para o conjunto dos ensinamentos da Igreja, incluindo a doutrina moral.

O Papa, neste contexto traz a doutrina de Sto. Tomás:Na mensagem moral da Igreja há uma hierarquia nas virtudes e ações que delas procedem.O que mais conta é a fé que atua pelo amor Gl5,6. As obras de amor ao próximo são a manifestação externa mais perfeita da graça interior do Espírito Santo. Em si mesma, a misericórdia é a maior de todas as virtudes. O que mais conta é remediar as misérias alheias. Deve haver no anúncio do Evangelho uma proporção adequada: não falar mais da lei que da graça, mais da Igreja que de Jesus Cristo, mais do Papa que da Palavra de Deus. O evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-o nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos. **4. A missão que se encarna nas limitações humanas**

. As diversas linhas de pensamento filosófico, teológico e pastoral, se se deixam harmonizar pelo }Espírito no respeito e no amor, pode fazer crescer a Igreja. É preciso acompanhar os tempos e exprimir as verdades de sempre numa linguagem que permita reconhecer sua permanente novidade e que, no depósito da doutrina cristã, “uma coisa é a substância”... e outra é a formulação que a reveste.Cons.Vat. Lembra que a expressão da verdade pode ser multiforme e a renovação das formas de expressão torna-se necessária para transmitir ao homem de hoje a mensagem evangélica no seu significado imutável. Contudo a fé conserva sempre um aspecto de cruz, certa obscuridade que não tira a firmeza à sua adesão. Sinaliza também certos costumes próprios não diretamente ligados ao núcleo do Evangelho que podem ser belos, mas agora não prestam o mesmo serviço à transmissão do Evangelho, não tenhamos medos de os rever! Igualmente há normas ou preceitos eclesiais que podem ter sido muito eficazes noutras épocas, mas já não têm a mesma força educativa como canais de vida. Não sobrecarregar a vida dos fiéis com demasiados preceitos da Igreja “para não tornar pesada a vida dos fiéis” nem transformar a nossa religião numa escravidão, quando a misericórdia de Deus quis que fosse livre. **5. Uma mãe de coração aberto.**

 A Igreja “em saída” é uma Igreja com as portas abertas. Também aberta nos sacramentos.O Batismo e a Eucaristia não soão um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos. Muitas vezes agimos como controladores da graça e não como facilitadores. A Igreja, porém, não é uma alfândega, mas a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa. Chegar a todos, sobretudo aos pobres e aos doentes, aqueles que não têm com que te retribuir. Lc 14,14. Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerramos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranqüilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer”. Mc 6,37.

 **CAPÍTULO II - NA CRISE DO COMPROMISSO COMUNITÁRIO**  Inicialmente o Papa situa a evangelização no contexto que temos de viver e agir. Não quer apresentar uma descrição detalhada da realidade contemporânea, mas anima todas as comunidades a “uma capacidade sempre vigilante de estudar os sinais dos tempos.” O Papa analisa apenas alguns aspectos da realidade que podem deter ou enfraquecer os dinamismos de renovação missionário da Igreja. **1. ALGUNS DESAFIOS DO MUNDO ATUAL**

 Aponta para os progressos atuais da humanidade que são louváveis os que contribuem para o bem-estar das pessoas (saúde, educação e comunicação), mas lembra que a maioria hoje vive à margem. A alegria de viver se desvanece, cresce a falta de respeito e a violência, a desigualdade social cresce. Estamos na era do conhecimento e da informação fonte de novas formas de um poder muitas vezes anônimo. Daí:

 -Não a uma economia de exclusão

 Hoje tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, em, que o poderoso engole o mais fraco. O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Iniciou-se a “cultura do descartável”. Já não é só a exploração e opressão, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está mais na sociedade, mas fora.Os excluídos são resíduos, “sobras”.

 Desenvolveu-se uma globalização da indiferença. Já não choramos à vista do drama dos outros,como se fosse uma responsabilidade de outrem. A cultura do bem estar anestesia-nos e perdemos a serenidade se o mercado oferece algo que ainda não compramos.... - Não a nova idolatria do dinheiro

 A crise financeira faz-nos esquecer que, na sua origem, há uma crise antropológica profunda:a negação da primazia do ser humano. Reduz o ser humano apenas a uma das suas necessidades: o consumo. Aumenta o desequilíbrio entre os poucos que tem muito e os muitos que pouco possuem. O mercado é que manda nos Estados quem deveriam tutelar o bem comum.

 - Não a um dinheiro que governa ao invés de servir Por trás da idolatria do dinheiro esconde-se a rejeição da ética(porque relativiza o dinheiro e o poder) e a recusa de Deus (que espera uma resposta comprometida que está fora das categorias do mercado. O dinheiro deve servir e não governar. O Papa exorta os ricos a uma solidariedade desinteressada e ao regresso da economia e das finanças a uma ética propícia ao ser humano. - Não à desigualdade social que gera violência

 Enquanto não se eliminarem a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos, será impossível desarraigar a violência. O consumismo desenfreado aliado à desigualdade social é duplamene daninho para o tecido social e mais cedo ou mais tarde a desigualdade social gera uma violência que as corridas armamentistas não resolvem nem poderão resolver jamais.

 - Alguns desafios culturais

 Em muitos países a globalização comportou uma acelerada deterioração das raízes culturais com o invasão de tendências pertencentes a outras culturas economicamente desenvolvidas, mas eticamente debilitadas. Como exemplo, se quer transformar os países africanos em meras “peças de um mecanismo, partes de uma engrenagem gigantesca. Isso se verifica também no domínio dos meios de comunicação social. Os aspectos negativos dos mass-media estão ameaçando os valores tradicionais. A fé católica encontra-se perante um desafio da proliferação de novos movimentos religiosos, alguns fundamentalistas e outros que parecem propor uma espiritualidade sem Deus.Numa sociedade materialista e por outro lado as carências da população que procura soluções imediatas para suas necessidades se deixam levar. O clima pouco acolhedor de nossas paróquias e atitudes burocráticas com as quais se dá resposta aos problemas também tira do povo o sentido da pertença à Igreja. O processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo. A negação de toda a transcendência cresce a deformação ética, enfraquece-se o sentido do pecado pessoal e social e há um progressivo relativismo. Esta situação provoca uma desorientação sobretudo na adolescência e juventude. Vive-se numa sociedade da informação que nos satura de dados todos postos no mesmo nível somos conduzidos a uma tremenda superficialidade quando se trata de enquadrar as questões morais. Torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente. Mas o Papa constata que a Igreja Católica é uma instituição credível perante a opinião pública, fiável no que diz respeito ao âmbito da solidariedade e preocupação pelos mais indigentes. Serviu de medianeira na solução de problemas que afetam a paz, a concórdia, o meio ambiente, a defesa da vida e os direitos humanos e civis, etc. A família atravessa uma crise cultural profunda. O matrimônio tende ser visto como mera forma de gratificação afetiva que pode constituir de qualquer maneira a modificar-se de acordo com a sensibilidade de cada um. O individualismo distorce os vínculos familiares.

 Desafios da inculturação da fé

 Uma cultura marcada pela fé guarda valores de autêntico humanismo cristão, por isso tem contra o secularismo muitos recursos. Assim um acultura popular evangelizada contém valores de fé e solidariedade que podem provocar o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e crente. Há uma necessidade imperiosa de evangelizar as culturas para inculturar o Evangelho. Entre os católicos podemos reconhecer algumas fragilidades, mas para curá-las importa dar atenção à piedade popular autêntica, libertando-a da vivência individual e sentimental da fé. E não podemos ignorar que nas últimas décadas produziu-se uma ruptura na transmissão geracional da fé cristã no povo católico. Assim número de pais que não batizam seus filhos,nem ensinam a rezar e daí o êxodo para outras comunidades de fé. Há falta de espaço de diálogo familiar, influência dos meios de comunicação, o subjetivismo relativista, o consumismo, a inexistência de um acolhimento cordial nas nossas instituições. Desafios das culturas urbanas

 A nova Jerusalém, a cidade santa Ap 21,2-4. É a meta para onde peregrina toda a humanidade. É interessante que a revelação nos diga que a plenitude da humanidade e da história se realiza em uma cidade. Precisamos identificar a cidade a partir de um olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé e que descubra Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças. Deus não se esconde de quantos o buscam com coração sincero, ainda que o façam tateando de maneira imprecisa e incerta. Na cidade o elemento religioso é medido por diferentes estilos de vida, por costumes ligados a um sentido do tempo, do território e das relações que difere do estilo das populações rurais. Muitas vezes o citadino luta para sobreviver e nesta luta se esconde um sentido profundo da existência que habitualmente comporta também um profundo sentido religioso. Diálogo com a Samaritana que buscava saciar sua sede... Novas linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida. Isso requer imaginar espaços de oração e de comunhão com características, inovadores, mais atraentes e significativas para as populações urbanas. Não se deve esquecer que a cidade é um âmbito multicultural. A cidade dá origem a uma espécie de ambivalência permanente, porque ao mesmo tempo que oferece aos seus habitantes infinitas possibilidades,interpõe numerosas dificuldades ao pleno desenvolvimento da vida de muitos. Enquanto a cidade poderia ser um espaço precioso de solidariedade, transforma-se muitas vezes num lugar de retraimento e desconfiança mútua. As casas e os bairros constroem-se mais para isolar e proteger do que para unir e integrar.

**2.TENTAÇÕES DOS AGENTES PASTORAIS.** Inicialmente o Papa lembra que embora haja tristeza e vergonha pelos pecados de alguns membros da Igreja não se pode esquecer dos inúmeros cristãos que dão a vida por amor e ajudam a tantas pessoas. Mas como filhos dessa época estamos sob o influxo da cultura globalizada atual que embora com valores também pode nos limitar, condicionar e enfraquecer. Neste contexto o Papa quer chamar a atenção para algumas tentações que hoje afetam os agentes pastorais. **Sim ao desafio de uma espiritualidade missionária.** Nota-se em muitos agentes pastorais uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento e acabam vivendo os próprios deveres como mero apêndice da vida e a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos. Assim, nota-se em muitos agentes evangelizadores, embora rezem, - uma acentuação do individualismo, uma crise de identidade e um declínio do fervor. Em conseqüência acabam por sufocar a alegria da missão em uma espécie de obsessão por serem como todos os outros e terem o que possuem os demais. A tarefa da evangelizadora torna-se forçada e dedica-se-lhe pouco esforço e um tempo muito limitado. É impressionante, mesmo os que têm sólidas convicções doutrinárias e espirituais acabam por cair num estilo de vida que os leva a se agarrarem a seguranças econômicas ou a espaços de poder e de glória humana que se buscam por qualquer meio, em vê de dar a vida pelos outros na missão. Não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário **Não à acedia egoísta** Muitos leigos temem que alguém os convide a realizar alguma tarefa apostólica e procuram fugir de qualquer compromisso que lhes possa roubar o tempo livre**.** Algo parecido acontece com os sacerdotes que se preocupam obsessivamente com o seu tempo pessoal. O problema nem sempre é o excesso de atividades, mas nas atividades mal vividas, sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a ação e a torne desejável.Aqui o Papa aponta algumas origens desta acedia pastoral:planos irrealizáveis,esperam que tudo caia do céu, apego a projetos ou sonhos de sucesso cultivados pela vaidade, perda do contato real com o povo, dando mais atenção à organização do que às pessoas. A ânsia de chegar a resultados imediatos leva a não tolerarem tudo o que significa contradição, aparente fracasso, uma crítica, uma cruz. Desenvolve-se a psicologia do túmulo que vai transformando os cristãos em múmias de museu. Desiludidos com a realidade Igreja e consigo vivem tentados a apegar-se a uma tristeza melosa, sem esperança...Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização! **Não ao pessimismo estéril** Os males do nosso mundo e da Igreja – não deveriam servir como desculpa para reduzir nossa entrega e o nosso ardor. Vejamo-los como desafios para crescer. Ninguém pode empreender uma luta, se, de antemão, não está plenamente confiado no triunfo. Quem começa sem confiança, perdeu de antemão metade da batalha e enterra os seus talentos. Não deixemos que nos roubem a esperança! **Sim às relações novas geradas por Jesus Cristo.** Hoje temos toda tecnologia da comunicação e sentimos o desafio de descobrir e transmitir a “mística” de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se em uma verdadeira experiência de fraternidade. Sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem. Mas há também alguns que como quiseram um Cristo puramente espiritual, sem carne nem cruz também pretendem relações interpessoais mediadas apenas por sofisticados aparatos, por ecrâs e sistemas que se podem acender e apagar à vontade. Mas o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com o seu sofrimentos e suas reivindicações permanecendo lado a lado. Mais do que o ateísmo, o desafio de hoje é responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro. As formas próprias da religiosidade popular são encarnadas, incluem uma relação pessoal. Há setores da sociedade onde cresce o apreço por várias formas de espiritualidade do bem-estar sem comunidade, por uma teologia da prosperidade sem compromissos fraternos ou por experiências subjetivas sem rostos, busca interior imanentista. O desafio é nunca escapar de uma relação pessoas e comprometida com Deus, que ao mesmo tempo se compromete com os outros. Não deixemos que nos roubem a comunidade! **Não ao mundanismo espiritual**  Mundanismo espiritual que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até de amor à Igreja, é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal. É uma maneira sutil de procurar os próprios interesses, não os interesses de Jesus Cristo Fil.2,21 Este mundanismo se alimenta de duas maneiras: uma é o fascínio do gnosticismo, uma fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa uma determinada experiência. A pessoa fica fechada na sua razão ou nos seus sentimentos. A outra maneira é o neopelagianismo: só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou fiel a um estilo católico do passado. Suposta segurança doutrinal ou disciplinar que controla. Em alguns manifesta-se com a pretensão de dominar o espaço da Igreja (liturgia, doutrina, prestígio) Em outros o mundanismo espiritual se esconde atrás do fascínio de poder mostrar conquistas sociais e políticas ou na vanglória, autoestima, vida cheia de viagens, reuniões, jantares..ou no funcionalismo empresarial, estatísticas, planificações avaliações onde é a Igreja como organização o beneficiário e não o povo. Alimenta-se a vanglória de sonhos em planos bem traçados, mas a história da Igreja é de sacrifícios, de luta diária de vida gasta no serviço. Em vez disso se entretém em falar vaidosos sobre “o que se devia fazer” – o pecado do “deviaqueísmo”. Como mestres dão instruções ficando de fora. Olha-se de cima e de longe, rejeita a profecia dos irmãos, desqualifica quem o questiona, vive obcecado pela aparência.Não deixemos que nos roubem o Evangelho! **Não à guerra entre nós** Quantas guerras dentro do povo de Deus e nas diferentes comunidades. Peçamos a graça de nos alegrarmos como os frutos alheios, que são de todos. O testemunho da comunidade fraterna e reconciliada, será uma luz que atrai os que estão feridos por antigas divisões. Não nos cansemos de fazer o bem.Gl 6,9 Rezar pela pessoa com quem estamos irritados é um belo passo rumo ao amor, e é um ato de evangelização.Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno! **Outros desafios eclesiais** A imensa maioria do povo de Deus é constituída de leigos. Ao seu serviço está uma minoria: os ministros ordenados. Há um numeroso laicato dotado de um arraigado sentido de comunidade. Contudo, não se manifesta de igual modo em toda a parte; em alguns casos porque não se formaram para assumir responsabilidades importantes, outros porque não encontrarem espaço nas suas igrejas particulares para poderem exprimir-se e agir por causa de um excessivo clericalismo que os mantém à margem das decisões. Embora haja maior participação de muitos nos ministérios laicais esse compromisso limita-se muitas vezes às tarefas no seio da Igreja sem um empenho real na aplicação do evangelho na transformação da sociedade. A formação dos leigos e a evangelização das categorias profissionais e intelectuais constituem um importante desafio pastoral. A Igreja reconhece a indispensável contribuição da mulher na sociedade, mas ainda é preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja. Quanto ao sacerdócio feminino não o põe em discussão mas lembra que quando se fala da potestade sacerdotal estamos na esfera da **função,** não na da dignidade e da santidade. O sacerdócio é serviço, mas a dignidade vem do batismo que é acessível a todos. Na Igreja, as funções “não dão justificação à superioridade de uns sobre os outros. Com efeito, uma mulher, Maria é mais importante do que os Bispos. A pastoral juvenil, tal como acostumados a desenvolvê-la sofreu o impacto das mudanças sócias. É preciso aprender a falar-lhes na linguagem que eles entendem. Crescem os agrupamentos juvenis aí está o desafio de tornar mais estável a participação destes grupos no âmbito da pastoral de conjunto da Igreja. Embora seja desafio abordar os jovens houve crescimento em dois aspectos: a consciência de que toda a comunidade os evangeliza e educa e a urgência de que eles tenham um protagonismo maior. Há escassez de vocações ao sacerdócio e à vida consagrada. Mas, não se podem encher os seminários com qualquer tipo de motivações, e menos ainda se estas estão relacionadas com insegurança afetiva, busca de formas de poder, glória humana ou bem-estar econômico. Ao final do capítulo, o Papa convida as comunidades a completarem e a enriquecerem estas perspectivas a partir da consciência dos desafios próprios e das comunidades vizinhas. Ao fazê-lo tenham em conta que ao tentar ser os sinais dos tempos na realidade atual é conveniente ouvir os jovens e os idosos. Os idosos oferecem a memória e a sabedoria da experiência , que convida a não repetir tontamente os mesmos erros do passado. Os jovens chamam-nos a despertar e a aumentar a esperança, porque trazem consigo as novas tendências da humanidade e abrem-se ao futuro para não ficar encalhados na nostalgia de estruturas e costumes que já não são fonte de vida no mundo atual.

**CAPÍTULO III -**- **O ANÚNCIO DO EVANGELHO**

Não pode haver verdadeira evangelização “*sem o anúncio explícito de Jesus como Senhor”* **1. TODO O POVO DE DEUS ANUNCIA O EVANGELHO** A evangelização é dever da Igreja, mais do que uma instituição é antes de tudo, um povo que peregrina para Deus. Apresenta como compreender a Igreja: Um povo para todos A salvação que Deus nos oferece, é obra da sua misericórdia. Por pura graça, Deus atrai-nos para nos unir a Si. A primeira palavra, a iniciativa verdadeira, atividade verdadeira vem de Deus e só inserindo-nos nesta iniciativa divina, só implorando esta iniciativa divina, nos podemos tornar também – com ele e nele – evangelizadores. O caminho para Deus se unir a cada um dos seres humanos escolheu convocá-los como povo, e não como seres isolados. Este povo que escolheu e convocou é a Igreja – Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos. Mt 28,19.O Senhor chama a todos. A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho. Um povo com muitos rostos A noção de cultura é um instrumento precioso para compreender as diversas expressões da vida cristã que existem no povo de Deus. O ser humano está sempre culturalmente situado.Natureza e cultura estão ligadas. A graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe. Nos diferentes povos que experimentam o dom de Deus segundo sua própria cultura a Igreja exprime sua genuína catolicidade e mostra “a beleza deste rosto pluriforme”. Cada cultura oferece formas e valores positivos que podem enriquecer o modo como o Evangelho é pregado, compreendido e vivido. Os valores das diferentes culturas não as jóias da Igreja. Is 61,10. Se for bem entendida, a diversidade cultural não ameaça a unidade da Igreja. O Espírito Santo constrói a comunhão e a harmonia do povo de Deus. É a unidade que nunca é uniformidade, mas multiforme harmonia que atrai. Cuidado de não impor a roupagem da nossa cultura as diferentes culturas. Não podemos pretender que todos os povos dos vários continentes, ao exprimir a fé cristã, imitem as modalidades adotados pelos povos europeus num determinado momento da história porque a fé não se pode confinar dentro dos limites de compreensão e expressão de uma cultura. Uma única cultura não esgota o mistério da redenção de Cristo. Todos somos discípulos missionários Deus dota a totalidade dos fiéis com um instinto da fé -sensus fidei, que os ajuda a discernir o que vem realmente de Deus. Em virtude do Batismo cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário Mt 28,19. Que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização.É missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo. Devemos procurar simultaneamente uma formação melhor para encontrar o modo de comunicar Jesus que corresponda à situação que vivemos. A nossa imperfeição não deve ser desculpa, pelo contrário, a missão é um estímulo constante para não nos acomodarmos na mediocridade, mas continuarmos a crescer. A força evangelizadora da piedade popular A importância da evangelização entendida como inculturação. Assim ganha importância a piedade popular verdadeira expressão da atividade missionária espontânea do povo de Deus.A piedade popular ou espiritualidade popular ou mística popular, traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar. É uma maneira legítima de viver a fé, um modo de se sentir parte da Igreja e uma forma de ser missionários, sair de si e peregrinar. De pessoa a pessoa Ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; isso sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho. Nesta pregação, o primeiro momento é um diálogo pessoal onde se partilha as alegrias e esperanças, as preocupações e muitas coisas que enchem o coração. Só depois é que se pode apresentar a Palavra, mas sempre recordando o anúncio fundamental: o amor pessoal de Deus que se fez homem entregou-se a si mesmo por nós e, vivo, oferece a sua salvação e a sua amizade. O encontro fraterno pode-se concluir com breve oração. Mas lembra que o anúncio evangélico não tem fórmulas preestabelecidas. A pregação do Evangelho deve ser expresso com categorias próprias da cultura onde é anunciado para que provoque uma síntese com essa cultura. Carismas ao serviço da comunhão evangelizadora Os carismas são dons para renovar e edificar a Igreja. Sua manifestação e novidade não precisa fazer sombra sobre outras espiritualidades e dons para se firmar a si mesmo. A diversidade deve ser sempre conciliada com a ajuda do Espírito Santo; só ele pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a unidade. Cultura, pensamento e educação Quando algumas categorias da razão e das ciências são acolhidas no anúncio da mensagem elas se tornam instrumentos de evangelização. A teologia em diálogo com outras ciências e experiências humanas tem grande importância para pensar como fazer chegar a proposta do Evangelho à variedade dos contextos culturais e dos destinatários. A Universidade é um âmbito privilegiado para pensar e desenvolver o compromisso da evangelização.

1. **A HOMILIA**  A pregação dentro da Liturgia requer séria avaliação por parte dos Pastores. Vai deter-se na sua preparação, pois há muitas reclamações e não se pode fechar os olhos. A homilia é o ponto de comparação para avaliar a proximidade e a capacidade de encontro de um Pastor com o seu povo. Com a palavra, Nosso Senhor conquistou o coração da gente.

Contexto litúrgico A proclamação litúrgica da Palavra de Deus não é tanto um momento de meditação e de catequese, como, sobretudo, o diálogo de Deus com seu povo como o momento mais alto do diálogo antes da comunhão sacramental. Aquele que prega deve conhecer o coração da sua comunidade para identificar onde está vivo e ardente o desejo de Deus e também onde é que este diálogo de amor foi sufocado ou não pôde dar fruto. A Homilia é uma pregação no quadro de uma celebração litúrgica, por isso deve ser breve e evitar que se pareça com uma conferência ou lição. Se a homilia de prolonga demasiado, prejudica duas características da celebração litúrgica: a harmonia entre suas partes e o seu ritmo. A palavra do pregador não ocupe um lugar excessivo, para que o Senhor brilhe mais que o ministro. A conversa da mãe A Igreja é mãe sabendo que o filho tem confiança de que tudo o que se lhe ensina é para seu bem. Além disso, a boa mãe sabe reconhecer tudo o que Deus semeou no seu filho, escuta suas preocupações e aprende com ele. Mesmo que às vezes a homilia seja um pouco maçante, se houver o espírito materno-eclesial será sempre fecunda. Palavras que abrasam os corações. Um diálogo é muito mais do que a comunicação de uma verdade. É um bem concreto que se comunica entre os que se amam. A pregação puramente moralista ou doutrinadora ou lição de exegese reduzem a comunicação entre os corações. Toda a palavra na Escritura, antes de ser exigência, é dom. Uma pregação inculturada consiste em transmitir a síntese da mensagem evangélica, e não idéias ou valores soltos. O pregador tem a belíssima e difícil missão de unir os corações que se amam: o do Senhor e os do seu povo. **3. A PREPARAÇÃO DA PREGAÇÃO**

A preparação da pregação é tarefa importante e convém dedicar-lhe um tempo longo de estudo,oração, reflexão e criatividade pastoral. O Papa propõe um itinerário de preparação da homilia. Dedicar um tempo longo, mesmo que se tenha que dar menos tempo a outras tarefas também importantes. Um pregador que não se prepara não é “espiritual”: é desonesto e irresponsável quanto aos dons que recebeu. Culto da verdade O primeiro passo, depois de invocar o Espírito Santo é prestar toda a atenção ao texto bíblico. A preparação da pregação requer amor. Uma pessoa só dedica um tempo gratuito e sem pressa às coisas ou às pessoas que ama. Atitude de escuta: Fala, Senhor : o teu servo escuta.1Sam3,9. Primeiramente estar seguros para compreender adequadamente o significado das palavras que lemos. Qual é a mensagem principal? Buscar qual a finalidade para a qual o texto foi escrito: consolar, exortar, corrigir erros, instruir...

Personalização da Palavra É preciso chegar porto da Palavra com o coração dócil e orante, a fim de que ela penetre a fundo em seus pensamentos. A palavra gera atitudes, primeiramente no pregador. Ai dos mestres exigentes com os outros, mas não se deixam iluminar pela Palavra do Senhor. Daí, comunicar aos outros o que foi contemplado. A leitura espiritual Para escutar o que o Senhor nos quer dizer na sua Palavra temos a leitura orante que nos ilumina e renova. Deve partir de seu sentido literal, senão corremos o risco de fazer o texto dizer o que nos convém, confirmar nossas decisões. O que me diz este texto? Quando se procura ouvir o Senhor é normal ter tentações. Ficar chateado e dar tudo por encerrado ou começar a pensar naquilo que o texto diz aos outros, para evitar aplicá-lo à própria vida. Lembremos que Deus convida sempre a dar um passo a mais, mas não exige uma resposta completa, se ainda não percorremos o caminho que a torna possível. À escuta do povo O pregador deve também pôr-se à escuta do povo, para descobrir aquilo que os fiéis precisam ouvir. É procurar descobrir o que o Senhor tem a dizer nessas circunstâncias. É recorrer a alguma experiência humana frequente na vida do povo. Não se deve responder a perguntas que ninguém se põe nem fazer a crônica da atualidade para despertar interesse.

Recursos pedagógicos Não descuidar do *como* , da forma concreta de desenvolver uma pregação. “Sê conciso no teu falar: muitas coisas em poucas palavras”Sr32,8 Como recursos práticos na pregação: Usar imagens, falar por imagens. Uma boa homilia deve ter: uma idéia, um sentimento, uma imagem. Falar com palavras simples que o povo entende. Que a pregação tenha unidade temática não vários temas ao mesmo tempo. Outra caracterísstica é a linguagem positiva. Não dizer tanto o que não se deve fazer, mas sobretudo propor o que podemos fazer melhor. Se for para dizer algo negativo mostrar também o valor positivo que atrai, não ficar na queixa, no lamento. **4. UMA EVANGELIZAÇÃO PARA O APROFUNDAMENTO DO QUERIGMA**. O mandato missionário inclui o apelo ao crescimento da fé, quando diz: ”ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado”Mt28, 20. Não se resume em formação doutrinal, mas cumprir o que o Senhor indicou como resposta ao seu amor: que vos ameis uns aos outros... Quem ama ao próximo cumpre plenamente a lei...Rm13,8-10 Uma catequese querigmática e mistagógica. O Papa lembra que a educação e a catequese estão à serviço do crescimento e temos muitos textos do Magistério, sempre atuais. “ A Catequese do nosso tempo” e o “Diretório Geral para a Catequese”. Na catequese tem papel fundamental o **primeiro anúncio ou querigma**. Querigma é **trinitário i**sto é: “o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, qu, com sua morte e ressurreição nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai”. Outra característica da catequese é a **iniciação mistagógica** que significa essencialmente duas coisas: a necessidade progressiva da experiência formativa e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã. É preciso ter a coragem de encontrar os novos sinais, os novos símbolos uma nova carne par a transmissão da Palavra, as diversas formas de beleza que se manifestam em diferentes âmbitos culturais. Com relação à proposta moral da catequese é oportuno aplicar sempre o bem desejável, a proposta de vida, de maturidade de realização de fecundidade a partir deste positivo se pode entender a nossa denúncia dos males que podem obscurecer. Devemos ser vistos como mensageiros alegres de propostas altas, guardiões do bem e da beleza. O Acompanhamento pessoal dos processos de crescimento. A Igreja tem necessidade de um olhar solidário diante do outro. Ela deverá iniciar os seus membros – sacerdotes, religiosos e leigos – nesta “arte do acompanhamento” com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, ,liberte e anime a amadurecer na vida cristã. Precisamos nos exercitar na arte de escutar que é mais do que ouvir.Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. Dar tempo ao tempo com muita paciência. Ao redor da Palavra de Deus. A Sagrada Escritura é fonte da evangelização. Por isso, é preciso formar-se continuamente na escuta da Palavra. O estudo da Sagrada Escritura deve ser uma porta aberta para todos os crentes. Propõe a todos os grupos católicos um estudo sério e perseverante da Bíblia e promovam igualmente a sua leitura orante pessoal e comunitária.

**CAPÍTULO IV - A DIMENSÃO SOCIAL DA EVANGELIZAÇÃO**

Este capítulo partilha as preocupações do Papa relacionadas com a dimensão social da evangelização. Se esta dimensão não for explicitada, corre-se o risco de desfigurar o sentido autêntico e integral da missão evangelizadora. **1.-**  **AS REPERCUSSÕES COMUNITÁRIAS E SOCIAIS DO QUERIGMA.**

O querigma possui um conteúdo inevitavelmente social, pois aí aparece a vida comunitária que resulta no compromisso com os outros. Confissão da fé e compromisso social Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens. O próprio mistério da Trindade nos recorda que somos criados à imagem desta comunhão divina, pelo que não podemos realizar-nos nem salvar-nos sozinhos. A aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-se amar por Deus e a amá-lo com o amor que ele mesmo nos comunica, provoca na vida da pessoa nas suas ações uma primeira e fundamental reação: desejar, procurar e ter a peito o bem dos outros. A Palavra de Deus ensina que , no irmão está o prolongamento permanente da Encarnação para cada um de nós: “ Sempre que fizerdes...Mt25,40; “com a medida que...Mat 7,2. Assim como a Igreja é missionária por natureza, também dessa natureza brota a caridade para com o próximo, a compaixão que compreende, assiste e promove. O reino que nos chama

 A medida que ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. O Reino que se antecipa e cresce em nós, abrange tudo: todos os homens e o homem todo. Porque toda “a criação se encontra em expectativa ansiosa, aguardando a revelação dos filhos de Deus.” Rm 8,19. A Doutrina da Igreja sobre as questões sociais.

Os Pastores, acolhendo as contribuições das diversas ciências, tem o direito de exprimir opiniões sobre tudo aquilo que diz respeito à vida das pessoas, dado que a tarefa da evangelização implica e exige uma promoção integral da cada ser humano. Por isso, a conversão cristã exige rever “especialmente tudo o que diz respeito à ordem social e consecução do bem comum. A religião não pode ser relegada para a intimidade secreta das pessoas, mas tem influência na vida social e nacional. Uma fé autêntica comporta o desejo profundo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois de nossa passagem por ela. A Igreja não pode ficar à margem na luta pela justiça. Na sequência, o Papa se concentra em duas grandes questões: a inclusão social dos pobres e a questão da paz e do diálogo social. **2. - A INCLUSÃO SOCIAL DOS POBRES** Unidos a Deus, ouvimos um clamor Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus a serviço da libertação e da promoção dos pobres. Isso supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo. A Escritura comprova como Deus ouve o clamor dos pobres.Ex 3,7-8.10Jz3,15 Dt15,9Sr4,6 1Jo3,17 Tg5,4. A Igreja ouve o pedido do Senhor: “Dai-lhes vós mesmos de comer Mc6,37. A solidariedade deve ser vivida com a decisão de devolver ao pobre o que lhe corresponde. É preciso recordar se de que o planeta é de toda a humanidade e para toda humanidade. A solidariedade vai permitir a todos os povos tornarem-se artífices do seu destino tal como “cada homem é chamado a desenvolver-se. Fidelidade ao Evangelho para não correr em vão Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”Mt5,7. “A esmola livra da morte e limpa de todo pecado”BenSirá 3,30. Jesus ensinou-nos este caminho de reconhecimento do outro, com as suas palavras e com os seus gestos. Mas, muitos defensores da ortodoxia são acusados de passividade, de indulgência ou de cumplicidade diante de situações intoleráveis de injustiça e de regimes políticos que matem estas situações. O critério chave de autenticidade cristã e não se esquecer dos pobres. Gl2,10. Opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora. O lugar privilegiado dos pobres no povo de Deus.

No coração de Deus ocupam lugar preferencial os pobres que até ele mesmo se fez pobre 2Cor8,9Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres. Sim de uma pobre; nasceu num presépio, dois pombos na apresentação ; cresceu num lar simples, trabalhou com as mãos; seguiram-no os deserdados. “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres Lc4,18 Devemos ter os mesmos sentimentos que estão em Cristo.Fl2,5 por isso a Igreja fez a opção preferencial pelos pobres. É necessário que nos deixemos evangelizar por eles: escutá-los, compreendê-los e acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles. Nosso compromisso primeiramente uma atenção prestada ao outro “considerando-o como um só consigo mesmo.” Preocupação com sua pessoa integral. A pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual. Neste contexto o Papa faz um desabafo: “Temo que também estas palavras sejam objeto apenas de alguns comentários, sem verdadeira incidência prática”pg.119. Economia e distribuição das entradas Enquanto não forem radicalmente solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social, não se resolverão os problemas do mundo e , em definitivo, problema algum. A desigualdade é a raiz dos males sociais. É incômodo ao sistema que se fale de ética, de solidariedade mundial, de distribuição dos bens, de defender os postos de trabalho, da dignidade dos fracos, de um Deus que exige um compromisso em prol da justiça. A cômoda indiferença diante destas questões esvazia a nossa vida e as nossas palavras de todo o significado. O crescimento equitativo exige mais do que o crescimento econômico, embora o pressuponha.Requer decisões, programas e mecanismos e processos orientados para uma melhor distribuição das entradas, oportunidades de trabalho promoção integral dos pobres além do assistencialismo. A partir de uma abertura à transcendência, poder-se-ia formar uma nova mentalidade política e econômica que ajudaria a superar a dicotomia absoluta entre a economia e o bem comum social. A Economia deveria ser a arte de alcançar uma adequada administração da casa comum, que é o mundo inteiro. O Papa encerra este tópico dizendo: “A mim interessa-me apenas procurar que, quantos vivem escravizados por uma mentalidade individualista, indiferente e egoísta, possam liberta-se dessas cadeias indignas e alcancem um estilo de vida e de pensamente mais humano, mais nobre, mais fecundo, que dignifique a sua passagem por esta terra.” Cuidar da fragilidade Jesus identificou-se com os mais pequeninos. Isso recorda a todos os cristão, que somos chamados a cuidar dos mais frágeis da terra. Mas, no modelo “do êxito” e “individualista” em vigor, parece que não faz sentido investir para que os lentos, fracos ou menos dotados possam também singrar na vida. Aqui inclui as mais diversas categorias de excluídos. Falando dos migrantes o Papa afirma: como são belas as cidades que superam a desconfiança doentia e integra os que são diferentes , fazendo desta integração um novo fator de progresso! Lembra também as vítimas do tráfico humano. Onde está o irmão que estás matando? Nas nossas cidades, está instalado este crime mafioso e aberrante, e muitos têm as mãos cheias de sangue devido a uma cômoda e muda cumplicidade. Duplamente pobres são as mulheres que padecem situações de exclusão. Entre os seres frágeis estão os nascituros, os mais inermes e inocentes de todos. A defesa que a Igreja faz dos nascituros esta defesa da vida nascente está ligada à defesa de qualquer direito humano. Como esta questão mexe com a coerência interna da mensagem sobre o valor da pessoa humana, não se deve esperar que a Igreja altere a sua posição sobre esta questão. Não é opção progressista pretender resolver os problemas, eliminando uma vida humana. No contexto dos frágeis e indefesos o Papa traz o conjunto da criação, que à mercê dos interesses econômicos são destruídos. O s seres humanos não são meros beneficiários, mas guardiães das outras criaturas. Somos chamados a cuidar da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos.

**3. O BEM COMUM E A PAZ SOCIAL**

A Palavra de Deus menciona também o fruto da paz Gl5,22. A paz social não pode ser entendida como irenismo ou como mera ausência d violência obtida pela imposição de uma parte sobre as outras. A dignidade da pessoa humana e o bem comum estão por cima da tranqüilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios. Paz também não se reduz a uma ausência de guerra, fruto do equilíbrio sempre precário das forças. Constrói-se na busca de uma ordem querida por Deus, que traz consigo uma justiça mais perfeita entre os homens. Ser cidadão fiel é uma virtude, e a participação na vida política é uma obrigação moral. Há quatro princípios que orientam o desenvolvimento da convivência de um povo onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum: O tempo é superior ao espaço; a unidade prevalece sobre o conflito; a realidade é mais importante do que a idéia;o todo é superior à parte. 1- O tempo é superior ao espaço Existe uma tensão bipolar entre o plenitude e o limite. Assim, a plenitude gera a vontade de possuir tudo, e o limite é o muro que nos aparece pela frente. O “tempo”, em sentido amplo, refere-se à plenitude e o momento é expressão do limite que se vive num espaço circunscrito. Daí: o tempo é superior ao espaço. É um convite a assumir a tensão entre plenitude e limite, dando prioridade ao tempo. Se dermos prioridade ao espaço leva-nos a proceder como loucos para resolver tudo no momento presente; mas se dermos prioridade ao tempo nos ocupamos mais com iniciar processos de que possuir espaços. É privilegiar as ações que geram novos dinamismo na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos até frutificar em acontecimentos históricos importantes. O Senhor deu a entender que havia coisas que os discípulos não podiam compreender e era necessário esperar o Espírito Santo JO 16,12-13 E a parábola do trigo e do joio... 2 – A unidade prevalece sobre o conflito. O Conflito não pode ser ignorado, deve ser aceito. A maneira mais adequada de enfrentar o conflito é: aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo. Mt 5,9 felizes os pacificadores. É possível desenvolver uma comunhão nas diferenças quando consideramos os outros na sua dignidade mais profunda. É o princípio: a unidade é superior ao conflito.É o sentido mais profunda da solidariedade que conserva em si a s preciosas potencialidades das polaridades em contraste. Cristo tudo unificou em si: céu e terra, Deus e homem, tempo e eternidade carne e espírito, pessoa e sociedade. A Paz coroa e cimenta em cada momento nas relações entre os discípulos. O anúncio da paz não é a proclamação de uma paz negociada, mas a convicção de que a unidade do Espírito harmoniza todas as diversidades. “Diversidade reconciliada”. 3 – A realidade é mais importante do que a idéia. A realidade simplesmente é, a idéia elabora-se. Deve-se estabelecer um diálogo constante, evitando que a idéia acabe por separar-se da realidade. Por isso se postula um terceiro princípio:A realidade é superior à idéia. Isso supõe evitar várias formas de ocultar a realidade: os purismos angélicos, os totalitarismos de relativo, os nominalismos declaracionistas, os projetos mais formais que reais, o fundamentalismo ante-históricos, os eticismos sem bondade, os intelectualismo sem sabedoria. A idéia está a serviço da captação, compreensão e condução da realidade. Quando líderes não são compreendidos, nem seguidos em suas propostas é porque se instalam no reino das puras idéias e reduziram a política ou a fé à retórica. Este critério impele-nos a pôr em prática a Palavra, a realizar obras de justiça e caridade nas quais se torna fecunda esta Palavra. O todo é superior à parte. Entre a globalização e a localização também se gera uma tensão. As duas coisas unidas impedem de cair em algum destes extremos: o primeiro, que os cidadãos vivam num um universalismo abstrato e globalizante, miméticos passageiros do carro de apoio,admirando os fogos de artifício do mundo , que é dos outros, de boca aberta e aplausos programados; o outro extremo é que se transformem num museu folclórico de eremitas localistas, condenados a repetir sempre as mesmas coisas. Não se deve viver demasiadamente obcecado por questões limitadas e particulares É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefícios a todos nós. Da mesma forma, uma pessoa que conserva a sua peculiaridade pessoal e não esconde a sua identidade, quando se integra cordialmente em uma comunidade não se aniquila, mas recebe sempre novos estímulos para o seu próprio desenvolvimento. O modelo é um poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade. O evangelho possui um critério de totalidade que lhe é intrínseco: não cessa de ser Boa-Nova enquanto não for anunciado a todos.

**4.- O DIÁLOGO SOCIAL COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A PAZ.** A Evangelização implica também um caminho de diálogo. No momento existem três campos de diálogo em que Igreja deve estar presente, cumprindo um servo a favor do pleno desenvolvimento do ser humano procurando o bem comum: Diálogo com os Estados; com a sociedade = com as culturas e com a ciência e diálogo com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica.Proclama o Evangelho da PazEf6,15 O cuidado e a promoção do bem comum da sociedade competem ao Estado. No diálogo com o Estado e com a sociedade, a Igreja não tem soluções para todas as questões específicas, mas acompanha as propostas que melhor correspondem à dignidade da pessoa humana e ao bem comum. O diálogo entre a fé, a razão e as ciências

O cientificismo e o positivismo recusam-se a “admitir, como válidas, formas de conhecimento distintas daquelas que são próprias das ciências positiva. A Igreja propõe outro caminho que exige uma síntese entre um uso responsável das metodologias próprias das ciências empíricas e os outros saberes como a filosofia, a teologia e a própria fé que eleva o ser humano até ao mistério que transcende a natureza e a inteligência humana. A fé não tem medo da razão, “a luz da razão e a luz da fé provêm ambas de Deus e não se podem contradizer entre si. Sto. Tomás. A Igreja não pretende deter o progresso da ciência. Quando este, mantendo-se com rigor acadêmico no campo do seu objeto específico, torna evidente determinada conclusão que a razão não pode negar, a fé não a contradiz. O diálogo ecumênico

 O compromisso ecumênico corresponde à oração do Senhor Jesus pedindo “que todos sejam um só”Jo17,21. A credibilidade do anúncio cristão seria muito maior se os cristãos superassem as suas divisões. Somos peregrinos e peregrinamos juntos e ao companheiro de estrada devemos abrir o coração sem medo nem desconfianças e olhar primeiramente para o que procuramos: a paz no rosto do único Deus. Abrir-se ao outro tem algo de artesanal, a paz é artesanal. “Felizes os pacificadores.” Se nos concentrarmos nas convicções que nos unem e recordarmos o princípio da hierarquia das verdade, poderemos caminhar decididamente para formas comuns de anúncio, de serviço e de testemunho. São tantas e tão valiosas coisas que nos unem! E, se realmente acreditamos na ação livre e generosa do Espírito, quantas coisas podemos aprender uns dos outros.” Não se trata apenas de receber informações sobre os outros para os conhecermos melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós. Através de um intercâmbio de dons, o Espírito pode conduzir-nos cada vez mais para a verdade e o bem. As relações com o Judaísmo

A |Igreja, que partilha com o Judaísmo uma parte importante das Escrituras Sagradas, considera o povo da Aliança e a sua fé como um raiz sagrada da própria identidade cristã Rm11,16-18. O afeto que se desenvolveu leva-nos a lamentar, sincera e amargamente, as terríveis perseguições de que foram e são objeto, particularmente aquelas que envolvem ou envolveram cristãos.

Embora algumas convicções cristãs sejam inaceitáveis para o Judaísmo e a Igreja não possa deixar de anunciar Jesus como Senhor e Messias, há uma rica complementaridade que nos permite ler juntos os textos da Bíblia hebraica bem como compartilhar muitas convicções ética e a preocupação comum pela justiça e o desenvolvimento dos povos.

O diálogo inter-religioso

O diálogo inter-religioso é uma condição necessária para a paz no mundo e, por conseguinte, é um dever para os cristãos e também para as outras comunidades religiosas. Este diálogo é, em primeiro lugar uma conversa sobre a vida humana ou simplesmente – “estar abertos a eles, compartilhando as suas alegrias e penas. Assim, aprendemos a aceitar os outros, na sua maneira diferente de ser, de pensar e de se exprimir. Um dialogo, no qual se procurem a paz e a justiça social, é em si mesmo, para além do aspecto meramente pragmático, um compromisso ético que cria novas condições sociais, em que através da escuta do outro , ambas as partes encontrem purificação e enriquecimento. A verdadeira abertura implica conservar-se firme nas próprias convicções mais profundas , mas “disponível para compreender as do outro” e “sabendo que o diálogo pode enriquecer a ambos.” Neste tempo , adquire importância a relação com os crentes do Islã. Os escritos sagrados do Islã conservam parte dos ensinamentos cristãos; Jesus e Maria são objeto de profunda veneração. É admirável ver como jovens e idosos, mulheres e homens do Islã dedicam diariamente tempo à oração e participam fielmente nos seus ritos religiosos. Para sustentar o diálogo com o Islã é indispensável adequada formação dos interlocutores. O Papa faz um pedido aos países de tradição islâmica, que assegurem liberdade aos cristãos para celebrarem seu culto tendo em conta a liberdade que os crentes do Islã gozam nos países ocidentais. Isto porque o verdadeiro Islã e uma e uma interpretação adequada do Alcorão opõe-se a toda a violência.

O Espírito suscita por toda parte diferentes formas de sabedoria prática que ajudam a suportar as carências da vida e a viver com mais paz e harmonia.

O diálogo social num contexto de liberdade religiosa.

A liberdade religiosa é considerada um direito humano fundamental. Inclui a liberdade de escolher a religião que se crê ser e de manifestar publicamente a própria crenças. Como se respeita as minorias de agnósticos ou de não crentes não se deve impor de maneira arbitrária que silenciem as convicções de maiorias crentes ou se ignore a riqueza das tradições religiosas. Isto fomentaria o ressentimento. Condena-se também as generalizações grosseiras de intelectuais e jornalistas que falam dos defeitos das religiões e não são capazes de distinguir que nem todos os lideres religiosos são iguais. Devemos como crentes nos sentir próximos de todos aqueles que, não se reconhecendo parte de nenhuma tradição religiosa, buscam sinceramente a verdade, a bondade e a beleza, que para nós, têm a sua máxima expressão e as sua fonte em Deus. Respeitamos igualmente os novos Areópagos como o “átrio dos gentios”, onde “crentes e não crestes podem dialogar sobre os temas fundamentais da ética, da arte e da ciência, bem como sobre a busca da transcendência. Também este é um caminho de paz para nosso mundo ferido.

 **CAPÍTULO V – EVANGELIZADORES COM ESPÍRITO.**

 Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo. Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa-Nova não só com palavras, mas, sobretudo, com uma vida transfigurado pela presença de Deus. Traz neste último capítulo, o Papa propõe algumas reflexões acerca do espírito da nova evangelização. Uma realidade que tem “espírito”, indica-se uma moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária. Numa súplica pede que o Espírito venha renovar, sacudir impelir a Igreja a uma decidida saída para fora de si mesma, afim de evangelizar todos os povos. 1. **MOTIVAÇÕES PARA UM RENOVADO IMPULSO MISSIONÁRIO** Evangelizadores com Espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham. É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração. Mas evitar a tentação de uma espiritualidade intimista e individualista. Cada período da história tem suas dificuldades. Hoje não é mais difícil, é diferente. A seguir o Papa deter-se a recuperar algumas motivações que nos ajudem a imitar em nossos dias aqueles cristãos que se mantiveram transbordante de alegria, cheios de coragem, incansáveis no anúncio e capazes de uma grande resistência ativa. O encontro pessoal com o amor de Jesus que nos salva. Se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos nos deter em oração para lhe pedir que volte a cativar-nos. Como faz bem deixar que ele volte a tocar a nossa vida e nos envie para comunicar a sua vida nova! Por isso, é urgente recuperar o espírito contemplativo que nos permite redescobrir , a cada dia, que somos depositários de um bem que humaniza e ajuda a levar uma vida nova. O missionário está convencido de que existe já, nas pessoas e nos povos, pela ação do Espírito um ânsia – mesmo que inconsciente – de conhecer a verdade a cerca de Deus, do homem, do caminho que conduz à liberação do pecado e da morte. A nossa tristeza infinita só se cura com um amor infinito. Sabemos bem que a vida com Jesus se torna muito mais plena e, com ele é mais fácil encontrar o sentido para cada coisa. Se não estamos convencidos, entusiasmados, seguros, enamorados, não convencemos ninguém. A motivação definitiva, a mais profunda, a maior, a razão e o sentido último de tudo o resto é esta: a glória do Pai que Jesus procurou durante toda a sua existência. Evangelizamos para a maior glória do Pai que nos ama. O prazer espiritual de ser povo Para ser evangelizador com espírito, é preciso também desenvolver o prazer espiritual de estar próximo da vida das pessoas, até chegar a descobrir que isso se torna fonte de uma alegria superior. Jesus é o modelo da opção missionária. Ele sempre estava perto de todos, fitava-os nos olhos, comia e bebia com os pecadores. Entregou-se até a cruz. Às vezes, sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo prudente distância das chagas do Senhor Jesus, no entanto, ele quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Assim vivemos a experiência de pertencer a um povo. É preciso vencer o mal com o bem.Rm12,21.Considerai os outros superiores a vós próprios Fil 2,3. Cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus. Cada vez que nossos olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer a Deus. Em conseqüência disso, se queremos crescer na vida espiritual não podemos renunciar a ser missionários. Só pode ser missionário quem se sente bem procurando o bem do próximo, desejando a felicidade dos outros. É preciso nos considerar como que marcados a fogo por essa missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar. Se consigo ajudar uma só pessoa a viver melhor, isso já justifica o dom da minha vida. A ação misteriosa do Ressuscitado e do seu Espírito Algumas pessoas não se dedicam à missão, poraquê crêem que nada podem mudar e assim, segundo elas, é inútil esforçar-se. Pensam: “Para que privar-me de minhas comodidades e prazeres, se não vejo nenhum resultado importante. Esta é uma atitude autodestrutiva, porque “o homem não pode viver sem esperança: a sua vida, condenada à insignificância, tornar-se-ia insuportável. Cristo ressuscitado e glorioso é a fonte profunda nossa esperança, e não nos faltará a sua ajuda para cumprir a missão que nos confia. Dificuldades continuamente aparecem. A fé significa também acreditar nele, acreditar que nos ama verdadeiramente, e que está vivo, que é capaz de intervir misteriosamente, que não nos abandona, que tira o bem do mal com o seu poder e a sua criatividade infinita. Acreditamos no Evangelho que diz que o Reino de Deus já está presente no mundo. É a pequena semente que pode chegar a transformar-se em grande árvore mt13,31-32.é fermento que leveda uma grande massa. Mt 13,33. A missão não é um negócio nem um projeto empresarial, nem mesmo uma organização humanitária, não é um espetáculo para que se possa contar quantas pessoas assistiram graças à nossa propaganda. É algo mais profundo que escapa à qualquer medida.O Espírito trabalha como quer, quando quer e onde quer; e nós gastamo-nos com grande dedicação, mas sem pretender ver resultados espetaculares. A nós cabe decidida confiança no Espírito Santo porque ele vem em auxílio da nossa fraqueza.Rm8,26. O Espírito Santo bem sabe o que faz falta em cada época e em cada momento. A isto se chama ser misteriosamente fecundo. A força missionária da intercessão A forma de oração que nos motiva a gastarmo-nos na evangelização e nos motiva a procurar o bem dos outros: é a intercessão; São Paulo “em todas as minhas orações , sempre peço com alegria por todos vós...pois tenho-vos no coração.Fil 1,4.7. Esta atitude se transforma também em agradecimento a Deus pelos outros. “Antes de mais, dou graças a o meu Deus por todos vós, por meio de Jesus Cristo”Rm1,8. Fil1,3. **2.MARIA, A MÃE DA EVANGELIZAÇÃO** Juntamente com o Espírito Santo, sempre está Maria no meio do povo. Ela é a Mãe da Igreja evangelizadora e, sem ela não podemos compreender cabalmente o espírito da nova evangelização. O dom de Jesus ao seu povo. Na cruz, Jesus no limiar da morte deixava-nos a sua Mãe como nossa Mãe. Cristo nos conduz à Maria porque não quer que caminhemos sem uma mãe, e nesta imagem materna, o povo lê todos os mistérios de Evangelho. Não é do agrado do Senhor que falte à sua Igreja o ícone feminino. Como Mãe de todos, Maria é sinal de esperança para os povos que sofrem as dores do parte até que germine a justiça. Como verdadeira mãe, caminha conosco, luta conosco e nos aproxima incessantemente de Deus. A estrela da nova evangelização Concluindo a exortação o Papa introduz uma súplica à Maria: “À mãe do evangelho vivente, pedimos a sua intercessão a fim de que este convite para uma nova etapa da evangelização seja acolhido por toda a comunidade eclesial” Maria é a mulher de fé, que vive e caminha na fé e sua excepcional peregrinação da fé representa um ponto de referência constante para a Igreja. Porque sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionaria da ternura e do afeto.